

Congresso Nacional de Cuidados Paliativos  
reuniu em Tomar mais de uma centena de médicos

## Uma sensibilidade crescente

Durante dois dias, cerca de três centenas de profissionais de saúde, entre os quais, mais de uma centena de médicos, debateram, em Tomar, um programa subordinado à temática dos cuidados paliativos. Tratou-se do primeiro congresso nacional a abordar esta área da medicina, particularmente desenvolvida, depois da década de sessenta, a partir das iniciativas pioneiras verificadas então no Reino Unido. Patrocinado pela Ordem dos Médicos, este congresso, muito participado, constituiu um sinal claro do aumento da sensibilidade profissional, em Portugal, para os cuidados paliativos



Dr.ª Isabel Galriça, Dr. Correia de Campos e Dr. Germano de Sousa

Na cerimónia de abertura, a Dr.ª Isabel Galriça Neto, coordenadora da Equipa de Cuidados Continuados do Centro de Saúde de Odivelas e presidente da comissão organizadora do congresso, referiu-se à importância de os cuidados médicos serem humanizados, afirmando que "humanizar é tratar as pessoas integralmente e não apenas as doenças, aceitar a morte e ter sempre o doente e as famílias no centro das decisões". Estava assim dado o mote para a apresentação do conteúdo dos cuidados paliativos, como método específico para tratar pessoas com doenças incuráveis, evolutivas, até à morte: "controlo de sintomas, comunicação adequada, apoio à família e trabalho em equipa". Esta especialista, preocupada com a oferta de cuidados paliativos de qualidade, sustentou que, para tal desiderato, estes devem ser "reconhecidos e integrados no sistema de saúde e garantida a sua acessibilidade e equidade", bem como ser "consolidada a respectiva formação básica e específica pré e pós graduada". Também a defesa da "disponibilidade" de fármacos específicos, nomeadamente os opióides, e a constatação da injustiça pelo facto de tais medicamentos essenciais "não terem a comparticipação" do Estado "igual à de outros medicamentos" essenciais,

mereceram à oradora uma particular chamada de atenção. O presidente do Congresso, Prof. Germano de Sousa, reafirmou, a seguir, "o respeito pela vida humana por parte dos médicos", os quais "devem cumprir os princípios éticos em qualquer situação". Recusando em absoluto a eutanásia, o bastonário da Ordem dos Médicos afirmou que "no entanto, não pode o médico prescindir de utilizar as terapêuticas destinadas a aliviar a dor e o sofrimento, tendo o doente direito a ter uma vida de qualidade", e "o médico o dever de também respeitar a autonomia dos doentes em fim de vida". O Prof. Germano de Sousa enalteceu ainda a iniciativa do congresso e, quanto ao profissionalismo médico em cuidados paliativos, garantiu que a Ordem dos Médicos se irá debruçar sobre "a criação de uma competência nesta área". No termo da cerimónia de abertura, o ministro da saúde, Dr. Correia de Campos, alertou para o facto de "muita da nossa cultura ser avessa à dor e à morte", mas ser "muito importante a informação e o acompanhamento" dos doentes em fim de vida, "devendo integrar-se os valores éticos e humanistas da nossa civilização". O ministro da saúde garantiu aos congressistas estar "totalmente do vosso lado e disponível para desenvolver este tipo de

cuidados, este tipo de atenção e este tipo de amor".

No programa científico, que abrangeu as matérias mais significativas da medicina paliativa, participaram reconhecidos profissionais, nacionais e estrangeiros, sendo a conferência inaugural proferida pelo Prof. Robert Twycross, da Universidade de Oxford, consultor da Organização Mundial de Saúde e do Conselho da Europa para as questões do cancro e dos cuidados paliativos. Na sua intervenção, Twycross explorou diversos tópicos fundamentais dos cuidados paliativos, chamando em especial à atenção para a exigência da integração e da continuidade dos cuidados e o "não abandono" dos doentes. O conferencista defendeu também que os cuidados paliativos devem estar incluídos no sistema público de saúde e fazer parte integrante da formação médica.

O primeiro painel "Cuidados paliativos: um direito, um dever", moderado pelo Prof. António Barbosa, da Faculdade de Medicina de Lisboa, destinou-se, em especial, à abordagem das questões da formação e da perspectiva ética. Iniciou o painel Prof. Mário Bernardo, do

IPOFG de Lisboa, que se referiu à respectiva formação, em Medicina, quer como matéria básica quer como especialidade. O mesmo assunto, mas no âmbito da enfermagem, foi discutido pela enfermeira Paula Sapeta, da Escola Superior de Enfermagem de Castelo Branco, que fez um retrato da actual situação do ensino, nas escolas de enfermagem portuguesas, encontrando aí um panorama muito deficiente e heterogéneo, mas que "será harmonizado", no futuro, de acordo com as directivas europeias sobre formação em enfermagem. O Dr. Jorge de Melo, do IPOFG de Lisboa, terminou este painel com uma dissertação sobre os princípios éticos aplicados às questões inerentes aos cuidados paliativos. Efectivamente, estas são "questões diferentes" mas que devem ser vistas à luz dos mesmos princípios únicos da ética, não havendo, segundo o orador, uma ética especial dos cuidados paliativos. Foi desta forma que analisou alguns dos famosos dilemas que surgem nesta área da medicina.

Num outro painel sobre a "Organização dos cuidados paliativos", moderado pelo Dr. Jorge Jardim Fernandes, do

Hospital de Faro, quatro oradores focaram os aspectos mais marcantes deste tema. A perspectiva geral foi apresentada, pelo Enf. José Cassiano, que defendeu a existência de duas redes de cuidados interligadas, uma para os cuidados continuados e outra para os cuidados paliativos, de modo a formarem um sistema integral de apoio e assistência aos doentes crónicos, dependentes e em fim de vida. Referiu o "bom trabalho" das IPSS, nesta área, mas onde é necessária "mais e melhor formação profissional" e considerou o nosso país como profundamente carenciado em unidades intermédias de cuidados. O Dr. Ferraz Gonçalves, do IPOFG do Porto, falou sobre as especificidades do internamento em cuidados paliativos, relatando o trabalho concreto na Unidade de Cuidados Continuados da instituição a que pertence, criada em 1998. A Dr.ª Ana Bernardo, também da Equipa de Cuidados Continuados do Centro de Saúde de Odivelas, abordou o apoio domiciliário como "imperativo" para se "proporcionar satisfação aos doentes", "humanizar os cuidados" e "racionalizar os custos".



Prof. Robert Twycross

A "abordagem global das necessidades do doente e da família", "o trabalho em equipa" e o "contacto permanente com a equipa", foram aspectos que considerou essenciais para a concretização de tal apoio. Finalmente, o Prof. Telmo

Baptista, da Universidade Nova de Lisboa, considerou a "interdisciplinaridade como uma estratégia" imprescindível para a eficaz organização dos cuidados paliativos. O terceiro painel sobre "Controlo dos sintomas", moderado pelo

Dr. Lourenço Marques, da Unidade de Tratamento da Dor e de Medicina Paliativa do Centro Hospitalar da Cova da Beira, trouxe a Portugal outros dois especialistas em medicina paliativa. Em primeiro lugar, a Dra. Maria Dulce Ribeiro, do prestigiado *St. Josep's Hospice*, de Londres, falou sobre o controlo dos sintomas respiratórios, tendo afirmado, na introdução das suas palavras, que "a medicina vai no sentido de tratar os doentes, não apenas com base nos diagnósticos, mas também com base nas suas necessidades" e que a medicina paliativa também pode ser útil mesmo "em doentes que não se encontrem necessariamente em estado terminal". O segundo orador, o Dr. José Pereira, professor de medicina paliativa na Universidade de Calgary, no Canadá, abordou a dor de difícil controlo. Afirmando que "36 a 66% dos doentes oncológicos avançados apresentam dor severa que altera a sua capacidade funcional", assegurou que 70 a 88% destes doentes podem ter bom controlo da dor, com os métodos mais simples". Antes de discutir a resolução de

alguns casos concretos muito difíceis, abordou a clássica questão das barreiras ao tratamento da dor, tanto as relacionadas com a deficiente formação dos profissionais, como com os próprios doentes e ainda de âmbito legal ou de política de saúde. É que, afirmou, por estas razões "mesmo uma dor fácil pode ser de difícil controlo". A enfermeira Carolina Fuentes, um outro elemento da já referida equipa do Centro de Saúde de Odiveelas, terminou este painel, falando concretamente nos "cuidados nos últimos dias de vida", realçando a ideia fundamental de a morte ser considerada "como um processo fisiológico - uma fase fisiológica" integrante da realidade biológica. Tendo os cuidados paliativos também como objectivo "proporcionar uma morte humana e em paz", esta foi uma verdadeira intervenção de humanismo. O programa terminou com uma conferência pelo Dr. J. M. Nuñez Olarte, da Unidade de Cuidados Paliativos do Hospital Gregório Marañon, de Madrid, em que abordou exaustivamente o problema dos efeitos secundários dos opióides, traduzindo esta

realidade "um importante desafio ao controlo dos sintomas". O Dr. José Luis Portela, que comentou este orador, chamou então a atenção, mais uma vez, para a "necessidade da utilização criteriosa dos opióides".

### Conclusões

Nas conclusões, realçou-se que o desenvolvimento dos cuidados paliativos, em Portugal, não é consentâneo como "estar à espera de recursos para começar. Houve quem começasse e fosse encontrando esses recursos, durante o caminho", afirmou-se. Outras conclusões foram no sentido de considerar os cuidados paliativos como absolutamente necessários no nosso sistema de saúde e que o "rigor científico" não é incompatível com tais cuidados.

Durante o evento, foi feito o lançamento do livro "Cuidados Paliativos", de Robert Twycross, patrocinado pela Fundação Grünenthal e atribuído o Prémio Janssen-Cilag ao melhor poster apresentado.

Dr. António Lourenço Marques